

## Feira Agroecológica da ARPASUL, Pelotas, RS: produção, segurança alimentar e comercialização, um estudo de caso

ANDRÉ LUIZ RADÜNZ\*

AMANDA FABRES OLIVEIRA RADUNZ\*\*

**Resumo:** Vivemos em um sistema capitalista, no qual as relações sociais e econômicas estão permeadas pela lógica da exploração da mão-de-obra e dos recursos naturais com vistas à obtenção de maiores resultados produtivos. No entanto, alguns agricultores familiares estão trabalhando com outra perspectiva de produção, a agroecológica. E comercializando seus produtos em feiras agroecológicas, permitindo o contato direto com o consumidor. Sendo assim, objetivou-se com o presente trabalho identificar, juntamente com os agricultores familiares de base ecológica que comercializam seus produtos na feira agroecológica da ARPA-SUL, na Dom Joaquim, Pelotas/RS, aspectos relativos ao cultivo, comercialização e segurança alimentar. Para tanto, através da realização de entrevistas estruturadas, foi realizada uma pesquisa com os agricultores familiares de base ecológica, associados à ARPASUL, que comercializam seus produtos na feira agroecológica da Dom Joaquim, em Pelotas/RS. Baseado nos resultados os agricultores feirantes reconhecem que seus cultivos são afetados pelos efeitos prejudiciais dos fatores climáticos adversos. A comercialização acontece sem maiores dificuldades através das feiras, e nas propriedades, onde os vizinhos são os maiores compradores. A segurança alimentar é atendida, pois percebe-se que estes agricultores têm uma grande diversidade de produtos cultivados e que estes são tanto comercializados como consumidos por eles e seus familiares.

**Palavras-chave:** Agricultura familiar; Agroecologia; Adversidades climáticas; autoconsumo.

*Fair South Arpa Agroecological, Pelotas, RS: production, food safety and marketing, a case study*

**Abstract:** We live in a capitalist system in which the social and economic relations are permeated by the logic of exploitation of labor, labor and natural resources with a view to achieving greater productive results. However, some farmers are working with another perspective of production, agroecology. And marketing its products in agroecology fairs, allowing direct contact with the consumer. Thus, the aim of the present work to identify, together with the farmers of ecological basis that market their products in agroecological fair ARPA-South in Dom Joaquim, Pelotas / RS, aspects of the cultivation, trade and food security. Therefore, by conducting structured interviews, a survey was conducted with farmers ecological base, associated with ARPASUL who sell their products at the fair agroecological of Dom Joaquim in Pelotas / RS. Based on the results the farmers market vendors recognize that their crops are affected by the harmful effects of adverse climatic factors. The sale takes place without difficulty through the fairs, and properties, where neighbors are the biggest buyers. Food security is met, since it is clear that these farmers have a wide variety of products grown and they are both marketed as consumed by them and their families.

**Key words:** Family Agriculture; Agroecology; Climatic Adversities; Self Consumption.



\* **ANDRÉ LUIZ RADÜNZ** é Professor Adjunto na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); é Doutor em Agronomia pelo programa de Pós-graduação em Agronomia, da Universidade Federal de Pelotas.



\*\* **AMANDA FABRES OLIVEIRA RADUNZ** é Mestre no curso de Pós-Graduação em Sociologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); Assistente Social no Serviço de Oncologia do Hospital Escola da Universidade Federal de Pelotas pela EBSEH.

## Introdução

Os pacotes tecnológicos de produção agrícola, introduzidos a partir da revolução verde, provocaram a utilização intensiva de insumos e tecnologias, que convergiram para problemas ambientais e sociais (MILLER JR, 2008), ao adotarem a visão disciplinar nas suas práticas de trabalho.

A revolução verde conduziu a alterações nas relações de trabalho da agricultura e impôs dificuldades e desafios a partir da globalização dos mercados (SANTOS et al., 2014) e da homogeneização dos sistemas de agrários, sem considerar as características intrínsecas a cada realidade local. Influenciando, por conseguinte, na autonomia dos agricultores, em especial dos familiares. Contudo, a agricultura familiar coloca-se como uma categoria com possibilidade de contrapor-se a este cenário onde, para Radunz et al. (2012) a agricultura familiar apresenta condições de aliar a produção econômica à preservação ambiental ao praticar atividades de mercado diferenciados, como a prática de agriculturas alternativas, como exemplos a orgânica e a agroecológica. Com destaque para a adoção da visão sistêmica no processo produtivo e considerando as multidimensões da sustentabilidade.

Para tanto, o cultivo agroecológico apresenta-se com uma alternativa viável, a qual permite ao agricultor maior independência frente ao processo produtivo, além da possibilidade de agregar valor aos produtos cultivados na unidade familiar e comercializar a sua produção diretamente ao consumidor final. As relações de proximidade entre o produtor e o consumidor, atrelada à qualidade dos produtos e a garantia de

isenção de agrotóxicos possibilitam ao produtor, atribuir ao valor final um preço mais elevado do que os produtos convencionais.

Para Meirelles (2004), a agroecologia é uma resposta socioambiental aos problemas provocados pela revolução verde. Isto porque, além de propor a prática de uma agricultura sustentável é capaz de contribuir para a segurança alimentar dos componentes do núcleo familiar ao produzir alimentos saudáveis e praticar a diversificação na matriz produtiva, visão está também abordada por Grisa; Schneider (2008). Salientando-se que as discussões que envolvem a segurança alimentar dos núcleos familiares ganha importância, ao abordar a temática da produção de sua própria alimentação na propriedade, sem depender do mercado externo para alimentar a família, pois conforme destacado por Michellon et al. (2008), o agricultor familiar passou a produzir as chamadas “commodities” destinadas à exportação para os países centrais. E com isto, em muitos casos, se especializou no cultivo de uma única espécie e assim ficou totalmente dependente da aquisição de alimentos externos a propriedade.

Na mesma abordagem das questões expostas, para reduzir a dependência dos agricultores familiares frente ao atual mercado, novas discussões sobre o encurtamento das cadeias de comercialização, bem como as vendas diretas aos consumidores tem se ampliado e tornado-se foco de novas pesquisas. Neste sentido, destacam-se as feiras livres, as quais se propõe a romper com este sistema mercadológico excludente, imposto pela globalização, que inibe o desenvolvimento da economia local (GODOY; SACCO DOS ANJOS, 2002; GODOY, 2005). De acordo com SACCO et al. (2005), as

feiras livres podem ser entendidas como sistemas locais de comercialização, detentores de uma dinâmica peculiar de funcionamento, as quais cumprem papéis importantes no abastecimento urbano e na manutenção de um espaço à viabilização da agricultura familiar regional.

Nesse sentido, as feiras livres, tem uma importante função social, dentre as quais cabe destacar o fortalecimento da agricultura familiar, uma vez que pode proporcionar a colocação regular da produção vegetal e animal, bem como a agregação de valor aos produtos devido ao encurtamento da cadeia comercial (RIBEIRO et al., 2003; SILVA et al., 2015).

No caso da feira livre ecológica de Pelotas, esta consiste em um espaço dedicado a comercialização de produtos oriundos de sistemas produtivos de base agroecológica. Os agricultores familiares que comercializam seus produtos na feira agroecológica da Dom Joaquim estão congregados na Associação Regional de Produtores Agroecologistas de Região Sul (ARPA-SUL), a qual teve iniciada as atividades em 1995 (SACCO et al. 2005). GODOY (2005) destaca ainda, no que se refere a feiras-livres agroecológicas de Pelotas/RS, que o objetivo precípua de viabilizar uma proposta agroecológica, proporciona ao feirante um ingresso semanal de dinheiro, embora pequeno, mas que serve para cobrir as despesas imediatas da família, ainda que complementado por outras atividades geradoras de renda.

Sendo assim, objetivou-se com o presente trabalho identificar, juntamente com os agricultores familiares de base ecológica que comercializam seus produtos na feira agroecológica da ARPA-SUL, na Dom Joaquim em Pelotas/RS, aspectos relativos à

produção, comercialização e segurança alimentar.

### **Materiais e métodos**

Para atender os objetivos propostos no presente estudo de caso, adotou-se como metodologia a realização de entrevistas estruturadas, utilizando um instrumento de coleta de dados constituído de um formulário com questões abertas e fechadas, que possibilitassem analisar todas as variáveis envolvidas.

As entrevistas foram realizadas no ano de 2013, com os agricultores de base ecológica integrantes da rede de comercialização Associação Regional de Produtores Agroecologistas da Região Sul ARPA-SUL<sup>1</sup>, ligada a rede Vida à Granel, a qual comercializa sua produção aos sábados na feira agroecológica da Dom Joaquim em Pelotas/RS, desde 1995 (SACCO et al. 2005).

Foram entrevistados 9 agricultores familiares feirantes, estes que representam 100% da população alvo da pesquisa. Salienta-se que os 9 agricultores entrevistados na presente pesquisa representam cerca de 30% dos agricultores pertencentes a ARPA-SUL.

Os dados coletados foram tabulados e compilados em planilhas eletrônicas para melhor compreensão e visualização dos resultados.

### **Resultados e discussões**

#### **Características gerais**

---

<sup>1</sup> Associação independente criada em 1995 com a finalidade de congrega os associados em torno dos princípios da agricultura ecológica, além de organizar a produção e viabilizar a propriedade rural através da criação de canais e de espaços específicos para comercializar a produção de seus membros assistidos pela Pastoral Rural da Igreja Católica e Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor- CAPA (ANJOS, et al. 2005).

A feira livre agroecológica da Dom Joaquim, Pelotas/RS, conta com agricultores familiares que estão congregados na Associação Regional de Produtores Agroecologistas de Região Sul (ARPA-SUL), a qual teve iniciada as atividades em 1995 (SACCO et al. 2005). Tendo surgido com o objetivo de viabilizar uma proposta agroecológica e o ingresso semanal de dinheiro nos núcleos familiares (GODOY, 2005). Apresenta-se como um espaço consolidado, onde circula grande fluxo de pessoas e representa um local para a população adquirir alimentos agroecológicos de forma direta do produtor.

Os agricultores feirantes, integrantes da ARPA-SUL, estão organizados em grupos de acordo com o local de onde são provenientes. Neste sentido, na referida feira comercializam agricultores pertencentes a 6 (seis) diferentes grupos, sendo estes oriundos de diferentes municípios da mesorregião de Pelotas, Rio Grande do Sul, abrangendo além de Pelotas, as cidades de Arroio do Padre, Morro Redondo, Canguçu e Turuçu, municípios estes localizados a até 50 Km de Pelotas.

Cabe salientar que o município de Pelotas é o terceiro mais populoso do estado, ao contar com uma população de em torno de 328 mil habitantes, sendo a grande maioria urbana (PELOTAS, 2016), tornando-se atrativo as práticas de comercialização direta.

Ainda, no que tange as características gerais identificadas, foi possível verificar que a feira agroecológica oferta aos consumidores grande diversidade de produtos, entre os quais encontram-se produtos in natura como grãos, frutas, verduras e legumes, bem como processados como as geléias, schimier, rapaduras, vinhos, sucos, entre outros.

### **Aspectos relacionados à produção**

As propriedades dos agricultores entrevistados caracterizam-se por apresentar área variando entre 10 e 18 hectares cultivados de forma agroecológica, sendo que, em apenas uma das propriedades este sistema não é exclusivo, segundo o agricultor, isto se deve ao fato de produzir leite e tem dificuldades em conseguir insumos para que a atividade seja agroecológica.

No tocante a matriz produtiva das unidades, abordou-se se esta era pautada em uma ou mais espécies ou atividades agrícolas, e ainda se existia maior representação de uma destas na composição da renda familiar. Neste sentido, de maneira geral, todos os agricultores feirantes proferiram a mesma resposta, afirmando que a matriz produtiva era diversa e incluía grande número de espécies de acordo com a sazonalidade destas, ainda reforçaram a resposta indicando não existir uma espécie/atividade principal, mas sim uma diversidade que compõem a renda no final do mês. Além de afirmarem ser importante tal diversificação da matriz produtiva, pois desta maneira convivem com menores riscos de perdas com a atividade agrícola, em função da distinção entre espécies e épocas de cultivo.

Com relação a ocorrência de ocorrência de variáveis ambientais adversas, tais como secas, granizos, excesso de chuvas, entre outras, que tenham afetado os cultivos agrícolas nos últimos anos, os agricultores feirantes foram unânimes ao destacarem que verificaram grandes prejuízos na produção, mas não apenas as culturas e sim também às benfeitorias da propriedade. Entre as adversidades, o déficit hídrico apareceu em todas as falas como sendo a principal responsável, de forma geral, pelas

maiores quebras de produção ao considerar todas as culturas, mas também foram citadas em ordem de importância, as altas temperaturas associadas a radiação solar muito intensa, depreciando o valor comercial das espécies folhosas, as geadas principalmente quando ocorrem precocemente e tardiamente à época normal, os ventos, estes que além de danificar culturas como o pêssego e a uva causam danos as estruturas de sustentação das estufas, e ainda, o excesso de chuva prejudicial principalmente em solos de menor permeabilidade da água.

Ainda no contexto das adversidades climáticas, quanto à adoção de práticas que visem à redução dos danos causados, em todas as respostas foi possível constatar a existência de uma ou mais práticas para minimizar os danos. A irrigação apareceu relatada em 85% das entrevistas, sendo assim a estratégia de maior representatividade entre as práticas utilizadas pelos agricultores, sendo o método de aspersão o mais utilizado, pois segundo os relatos apresenta menores riscos de entupimentos, visto que a água utilizada é proveniente em quase totalidade dos casos de açudes ou cacimbas. Salientando ainda que, a partir das respostas, é possível constatar que está é manejada de maneira totalmente empírica, sem considerar as reais necessidades das espécies que estão sendo manejadas. Convergindo, entre outros aspectos, para prejuízos ao ambiente, consumo desnecessário de energia elétrica e de água e lixiviação de nutrientes (MUNIZ et al., 2014).

Apareceu ainda como resultados a utilização do sombrite e a casa de vegetação, que segundo os agricultores, são estratégias para amenizar os efeitos dos raios solares e manejo de

temperatura, fato que permite produzir por um maior período e em épocas menos favoráveis aos cultivos, bem como proporciona o encurtamento do ciclo de algumas culturas, favorecendo em ambos os casos a oferta de produtos na feira. Sendo este contexto corroborado por Purquerio; Tivelli (2006) e Silva et al. (2011). Salienta-se ainda que a predominância da casa de vegetação é o túnel baixo e o túnel alto, adequada para culturas hortícolas, principal produto comercializado na feira.

Apesar dos ventos fortes serem responsáveis por significativos danos as culturas e instalações, nenhuma das propriedades tem implantado medidas para amenizar do efeito adverso do vento sobre os cultivos e as estruturas, considerando ainda a inexistência de planejamento que vise a instalação de um sistema de quebra-ventos, os agricultores, apenas procuram produzir em áreas mais abrigadas dos ventos. Entretanto, ao procurarem as áreas mais abrigadas, relatam que acabam sendo penalizados pelas características favoráveis a ocorrência de geadas.

Com relação a prática de policultivos, apenas um agricultor destacou que não adota, pois acha que falta tempo para tal manejo. Já para os demais agricultores, a adoção deste sistema decorre em especial para aproveitar melhor o espaço, a irrigação, a adubação e a simbiose entre os cultivos, tanto na repelência de insetos praga, quanto no sombreamento de algumas culturas, protegendo-as do sol direto e como inibidor de plantas daninhas e por acreditarem que quanto maior a diversidade em uma mesma área melhor será o cultivo.

Os agricultores feirantes, ao serem questionados sobre a existência ou não de assistência técnica na propriedade,

foram unânimes em responder que possuem acesso a este serviço, em maior ou menor grau, mas em todos os casos destacaram ser público o serviço que acessam. Entre os prestadores de assistência técnica e extensão rural (ATER) foram citados: o Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA<sup>2</sup>), o qual desenvolve diversas ações junto aos agricultores familiares da região. Não menos importante foram citados como prestadores de assistência técnica a Cooperativa Sul Ecológica de Agricultores Familiares Ltda. (SUL ECOLÓGICA), a União das Associações Comunitárias do Interior de Canguçu (UNAIC) e a Empresa de assistência técnica e extensão rural (EMATER). No entanto, os agricultores destacam que mesmo tendo acesso a assistência técnica ela é bastante precária, no que se refere ao número de vistas a propriedade.

#### **Aspectos relacionados à comercialização da produção**

Com relação a comercialização da produção, quando questionados sobre o espaço de comercialização da feira da Dom Joaquim como um local para vender seus produtos, os agricultores feirantes destacaram perceber e reconhecer a importância do espaço para o fortalecimento da agricultura familiar e da produção agroecológica. Destacando que atuam neste espaço, em média, há aproximadamente quinze anos e por este motivo acreditam nas feiras livres como um canal de comercialização que aproxima eles, os agricultores, dos consumidores, sendo a

interação e as conversas entre estes pontos ressaltados como importantes. Além de considerarem que boa parte da renda de suas famílias é fruto da feira que realizam na Dom Joaquim, salientando que os consumidores já esperam o sábado para ir até a feira e adquirir os produtos, pois sabem quem os produziu e pelo tempo que estão atuando como feirantes agroecológicos confiam no produto e na qualidade do produto que estão adquirindo.

Na abordagem das feiras livres como espaços de comercialização, representantes de um circuito curto, assume-se como benefícios a integração entre produção e consumo, a valorização do local, a confiança e aproximação entre produtores e consumidores (CRUZ; SCHNEIDER, 2010).

Assim, conduzindo os questionamentos para a percepção dos agricultores feirantes, sobre o grau de facilidade/dificuldade em comercializar os produtos que estes trazem até a feira no sábado, os mesmos salientaram que em decorrência da prática adquirida através da participação na feira, expondo os produtos, praticamente todos os entrevistados consideraram ser fácil e que comercializam tudo que trazem, sendo difícil voltar para casa com mercadoria. Contudo, de maneira geral, todos os entrevistados fizeram questão de relatar que no princípio, quando foi constituído o espaço de comercialização na Dom Joaquim, a venda era difícil, pois lhes faltava experiência no cultivo destes produtos e conhecimento sobre as preferências e exigências dos consumidores, tais como a forma de apresentação dos produtos. Estas dificuldades, segundo eles, foram supridas pela prática adquirida ao longo desses quinze anos de feira, e hoje já

<sup>2</sup> CAPA - organização não-governamental, criada em 1978, que busca contribuir de forma decisiva para a prática social e de serviço junto a agricultores familiares e outros públicos ligados à área rural. A luta é pela afirmação da agricultura familiar como parte de uma estratégia de desenvolvimento rural sustentável (CAPA, 2011).

não compõem mais o rol de dificuldades enfrentadas.

Quando questionados sobre comercializarem seus produtos em outros locais, além da feira agroecológica da Dom Joaquim, com exceção de um agricultor, os demais ressaltaram que participam de outras feiras, em locais e datas distintas, além de entregar os produtos na cooperativa, em programas do governo, como exemplo destacado o fome zero, bem como foram unânimes em mencionar a comercialização direto na propriedade.

No que tange a comercialização diretamente na propriedade, todos salientaram que esta representa um volume considerável de suas vendas e do retorno financeiro da propriedade, sendo que a maior parte destas vendas é realizada aos seus vizinhos. Segundo, estes agricultores feirantes, o principal motivo que eles atribuem pelos vizinhos comprarem os alimentos de suas propriedades, ao invés de cultivá-lo, é o cultivo de fumo e a exigências desta cultura quanto a disponibilidade de tempo, mão-de-obra, e dedicação quase que exclusiva e assim, não sobra tempo para cultivar em casa.

#### **Aspectos relacionados à segurança alimentar**

Os agricultores feirantes, ao serem questionados sobre a motivação que os levou a abandonar ou substituir o cultivo convencional por cultivos agroecológicos, emitiram respostas diversas, entre as quais destacou-se devida ao maior número de vezes que foi mencionada, a possibilidade de aproveitar a demanda de mercado existente para produtos sem agrotóxicos; vender diretamente ao produtor não dependendo do atravessador; perceber que a terra estava esgotada, e necessitava de uma manejo

diferente do convencional; por perceber o bom retorno financeiro da atividade.

Ainda, cabe destacar o principal motivador da substituição do cultivo convencional para o agroecológico nas propriedades, presente em praticamente todas as falas, os problemas de saúde, segundo os feirantes, causados pela utilização de venenos no sistema convencional de cultivo, outrossim, também mencionam a contaminação da terra e da água provocada pela utilização dos venenos. Por fim ainda, citaram a produção de produtos diferenciados, fato que valoriza as atividades da agricultura. Motivos estes já relatados em outros trabalhos, como os de Souza et al. (2015), Khaledi et al. (2010), Kourouxou et al. (2008).

No que tange o consumo dos alimentos agroecológicos produzidos na propriedade, pelo agricultor e também por sua família, os feirantes foram unânimes em destacar que consomem todos os alimentos que trazem para vender na feira, salientando ainda, que consideram importante separar parte da produção para o consumo da família, o que garante, segundo esses a certeza da qualidade e da procedência dos alimentos. Bem como, garante que consumem grande variedades de espécies, pois possuem a matriz produtiva de sua propriedade diversificada. Acreditam que os alimentos que eles produzem apresentam maior equilíbrio nutricional, pois são produzidos respeitando o meio ambiente e com isto, são melhores para serem consumidos. Estando assim, contemplando o atual contexto da segurança alimentar, no qual o Guia alimentar para a população brasileira (BRASIL, 2008) destaca a produção ecologicamente sustentável e o consumo de alimentos produzidos localmente. Bem como é corroborado

por Gazolla; Schneider (2007), Maluf et al. (2004) e ainda por Gazolla (2005), onde este reforça que a segurança alimentar também significa uma alimentação diversificada, balanceada e composta de diversos tipos de alimentos, o que só se consegue em unidades policultoras.

Pelo exposto nos resultados apresentados, é possível perceber que os agricultores familiares feirantes possuem a compreensão sobre a importância em consumir os alimentos que produzem, fato que é um indicativo da presença de um elevado grau de segurança alimentar, pois dispõem e consomem alimentos de qualidade, sem a necessidade de adquirir fora da propriedade.

### Considerações finais

Os agricultores feirantes reconhecem que seus cultivos são afetados pelos efeitos prejudiciais dos fatores climáticos adversos. E que de maneira geral, possuem estratégias para manejar os cultivos de maneira que os prejuízos sejam minimizados;

Quanto à comercialização, esta acontece sem maiores dificuldades através das feiras, e nas propriedades, onde os vizinhos são os maiores compradores;

A segurança alimentar é atendida, pois percebe-se que estes agricultores têm uma grande diversidade de produtos cultivados e que estes são tanto comercializados como consumidos por eles e seus familiares.

### Referências

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Guia alimentar para a população brasileira: promovendo a alimentação saudável. 210 p. Brasília: 2008.

CRUZ, F. T.; SCHNEIDER, S. Qualidade dos alimentos, escalas de produção e valorização de

produtos tradicionais. Revista Brasileira de Agroecologia, v. 5, n. 2, p. 22-38, 2010.

GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. A produção da autonomia: os “papéis” do autoconsumo na reprodução social dos agricultores familiares. Estudos sociais agrícolas, v. 15, n. 1, p. 89-122, 2007.

GAZOLLA, M. Agricultura familiar, segurança alimentar e políticas públicas: uma análise a partir da produção para autoconsumo no território do Alto Uruguai/RS. Porto Alegre (RS): Série PGDR/UFRGS (dissertação de mestrado), 2004. 287 f.

GODOY, W. I.; SACCO DOS ANJOS, F. As Feiras Livres de Pelotas, RS: Estudo sobre a dimensão sócio-econômica de um sistema local de comercialização. In: VI Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia Rural, 2002, Porto Alegre. VI Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia Rural, 2002.

GODOY, W. I. As feiras-livres de pelotas, RS: Estudo sobre a dimensão sócio-econômica de um sistema local de comercialização. 2005. 284f. Tese (Doutorado). Produção Vegetal. Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2005.

GRISA, C.; SCHNEIDER, S. “Plantar pro gasto”: a importância do autoconsumo entre famílias de agricultores do Rio Grande do Sul. Piracicaba, SP, vol. 46, nº 02, p. 481-515, abr/jun 2008 – Impressa em junho 2008

KHALEDI, M.; WESEEN, S.; SAWYER, E.; FERGUSON, S.; GRAY, R. Factors Influencing Partial and Complete Adoption of Organic Farming Practices in Saskatchewan. Canadian Agricultural Economics Society, v. 58, n. 1, p. 37-56, 2010.

KOUROUXOU, M.; SIARDOS, G.; IAKOVIDOU, O.; KALBURTJI, K. Organic farmers in islands: Agricultural management and attitude towards the environment. International Journal of Sustainable Development and World Ecology, v. 15, n.6, p. 553-564, 2008.

MALUF, R. S.; MENEZES, F.; MARQUES, S. B. Caderno ‘segurança alimentar’. 2004. Disponível em <[http://ideiasnamesa.unb.br/upload/bibliotecaIdeias/1391606568Caderno\\_Seguranca\\_Alimentar.pdf](http://ideiasnamesa.unb.br/upload/bibliotecaIdeias/1391606568Caderno_Seguranca_Alimentar.pdf)>. Acesso em: 11 de Agosto de 2016.

MEIRELLES, L. Soberania alimentar, agroecologia e mercados locais. Revista

Agriculturas: experiências em agroecologia, v. 1, p. 11-14, 2004.

MICHELLON, E.; COSTA, T. R.; STROHER, G. J.; CAMACHO, L. R. S.; PEREIRA, P. E. S. Rede de Dinamização das Feiras da Agricultura Familiar Redifeira: Uma alternativa para a inclusão sócio-econômica das populações rurais. In: XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural SOBER, 2008, Rio Branco - AC. XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural SOBER. Brasília: SOBER, v. 1, 2008.

MILLER JUNIOR, G. T. Ciência ambiental. [Environmental science: working with the earth. 11th ed (Inglês). Tradução de All Tasks, Revisão técnica de Wellington Braz Carvalho Delitti. 11 ed. 2 reimpr. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

MUNIZ, R. A.; SOUSA, E. F.; MENDONÇA, J. C.; ESTEVES, B. S.; LOUSADA, L. L. Balanço de energia e evapotranspiração do capim Mombaça sob sistema de pastejo rotacionado. Revista brasileira de meteorologia. v.29, n.1, p. 47-54, 2014

PELOTAS. Dados gerais do município de Pelotas, RS. Prefeitura municipal. Disponível em: <<http://www.pelotas.rs.gov.br/cidade/dados-gerais.php>>. Acesso em: 28 de Julho de 2016.

PURQUERIO, L. F. V.; TIVELLI S. W. Manejo do ambiente em cultivo protegido. Campinas: IAC, 2006. Informações Tecnológicas. Disponível em: <[http://www.iac.sp.gov.br/imagem\\_informacoes\\_tecnologicas/58.pdf](http://www.iac.sp.gov.br/imagem_informacoes_tecnologicas/58.pdf)>. Acesso em: 21 de Julho de 2016.

RADUNZ, A. L. Avaliação das variáveis meteorológicas e do manejo sobre a qualidade e produtividade de videiras cultivadas sob base familiar em Pelotas/RS. 2012. 87f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar. Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2012.

RIBEIRO, E. M.; ANGULO, J. L. G.; NORONHA, A. G. B.; GALIZONI, F. M.; CALIXTO, J. S.; SILVESTRE, L. H. A.; CASTRO, B. S. Trabalho familiar e mercado local no Alto Jequitinhonha?. In: XLI Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, 2003, Juiz de Fora. Anais do XLI Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural. Juiz de Fora: Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 2003. p. 467-485.

SACCO DOS ANJOS, F.; GODOY, W. I.; CALDAS, VELLEDA, N. As Feiras-livres de Pelotas sob o Império da Globalização: Perspectivas e Tendências. 1. ed. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, v. 1. 197 pg. 2005.

SANTOS, C. F.; SIQUEIRA, E. S.; ARAÚJO, I. T.; MAIA, Z. M. G. A agroecologia como perspectiva de sustentabilidade na agricultura familiar. Ambiente & Sociedade, v.17, n.2, p. 33-52, 2014.

SILVA, W. F.; MARQUES, D. J.; SILVA, E. C.; BIANCHINI, H. C.; ISHIMOTO, F. A.; PEREIRA JÚNIOR, M. J. F. Diagnóstico da produção de hortaliças na região metropolitana de Belo Horizonte. Horticultura Brasileira, v.33, p. 355-359, 2015.

SILVA, G. F.; FONTES, P. C. R.; LIMA, L. P.; ARAÚJO, T. O. D.; SILVA, L. F. Aspectos morfoanatômicos de plantas de pepino (*Cucumis sativus* L.) sob omissão de nutrientes. Revista Verde, v.6, n.2, p.13-20, 2011.

SOUZA, A. R. L.; MACHADO, J. A. D.; DALCIN, D. Análise de estudos internacionais sobre os fatores que influenciam a decisão dos agricultores pela produção orgânica. Revista em Agronegócio e Meio Ambiente, v. 8, n. 3, p. 563-583, 2015.

Recebido em 2016-08-28  
Publicado em 2017-05-04